

de um arrote. Os dedos da enfermeira vieram tocar-lhe de leve o cotovelo:

— Se calhar, disse ela, sempre é capaz de haver boomerangs que não regressam. E conseguem manter-se à tona mesmo assim.

E pareceu ao psiquiatra que acabava de receber uma espécie de extrema-uncão definitiva.

Ao descer as escadas para o Banco distinguiu ao longe, perto da penumbra de sacristia a cheirar a verniz de unhas do gabinete das assistentes sociais, criaturas feias e tristes a necessitarem elas próprias de assistência urgente, um grupo de delegados de propaganda médica estrategicamente ocultos nas ombréiras das portas vizinhas, prontos a assaltarem de enxurradas palavrosas e por vezes letais os esculápios prevenidos ao alcance, vítimas inocentes da sua simpatia impositiva. O psiquiatra aparentava-os aos vendedores de automóveis na loquacidade demasiado delicada e bem vestida, irmãos bastardos que se haviam desviado, na sequência de um obscuro acidente cromossómico de percurso, da linhagem dos faróis de iodo para as pomadas contra o reumático, sem contudo perderem a incansável vivacidade solícita original. Espantava-o que aqueles seres debitantes, sempre-em-pés da boa educação, donos de pastas obesas que continham dentro de si o segredo capaz de transformar cotundas raquíticas em campeões de triplo salto, lhe dedicassem em chusma atenções de Reis Magos portadores de preciosas ofertas de calendários de plástico a favor dos preservativos anti-sífilis Donald, o inimigo público número um dos aumentos demo-

gráficos, suave ao tacto e com uma coroa de pelinhos afrodisíacos na base, de jogos de xadrez em cartolina gabando discretamente em todas as casas os méritos do xarope para a memória Einstein (três sabores: morango, ananás e bife de lombo), e de pastilhas efervescentes que rolhavam as diarreias mas soltavam as rédeas da azia, obrigando os doentes dos intestinos a preocuparem-se com as fêrruras do estômago, manobra de diversão com que lucravam os quartos de água das Pedras bebidas a pequeninos goles terapêuticos nos balcões das pastelarias. Os doutores salam-lhes das pinças ferozes a cambalearem sob o peso de folhetos e de amostras, tontos de discursos eriçados de fórmulas químicas, de posologias e de efeitos secundários, e vários tombavam exaustos trinta ou quarenta metros percorridos, espalhando em redor os pedregulhos de pílulas do último suspiro. Um empregado indiferente varria-lhes os restos clínicos para a vala comum de um balde de lixo amolgado, resmungando baladas fúnebres de coveiro.

Aproveitando a protecção de dois polícias que escoltavam um velhote digno com cara de ajudante de notário embrulhado nas lonas confusas de uma camisola de forças, o médico atravessou a salvo o bando ameaçador dos propagandistas a aliciá-lo com o canto de seteia dos sorrisos uníssonos, desdobrados como acordeões nas bochechas obsequiosas: uma manhá destas, pensou, afogam-me num frasco de suspensão antibiótica amigdal do mesmo modo que o meu pai posuía, nunca entendi porquê, guardado no armário da estante, o troféu de caça do cadáver de uma escolopendra num tubo de álcool, e vender-me-ão à Faculdade, encarquilhado como um aborto, para figurar no mostruário de horrores do Instituto de Anatomia, talho científico atravessado de Castelo Fantasma, com esqueletos pendurados de ferros verticais à maneira de craveiros murchos a ampararem o seu desânimo a pedaços de cana, olhando-se uns aos outros com órbitas vazias de militares na reserva.

A coberto das damas de honor do ajudante de notário, cujos bigodes tremiam de timidez autoritária, o psiquiatra ultrapassou ileso um

internado alcoólico das suas relações que todas as manhãs teimava em narrar-lhe por mítido intermináveis disputas conjugais em que os argumentos eram substituídos por animadíssimas batalhas campais de caçarolas (Chiça pá dei-lhe uma azevia no alto da piolhosa, doutorzeco de uma cana, que me ficou oito dias a cuspir brilhantina), uma senhora magrinha da secretaria que vivia no pânico do esperma do marido e usava interrogá-lo ansiosamente acerca da eficácia comparativa de duzentos e vinte e sete anticoncepcionais diferentes, e um doente de barbas bíblicas de neptuno de lago que nutria por ele uma admiração entusiástica feita de panegíricos vociferantes, todos mantidos a respeitosa distância pelas aias da camisola de forças, comunicando ao ouvido peludo um do outro os respectivos hálitos de alho. Passou o gabinete do dentista despovoado de gengivas a lutar aos ganidos contra um molar tenaz, e julgava-se já miraculosamente intacto na Urgência, porta de vidro fosco que lhe acenava como a bandeira de pano da chegada de uma corrida de bicicletas, quando um dedo perverso lhe tocou imperioso no intervalo das omoplatas, ossos salientes e triangulares que atestavam pela forma o seu passado de anjo oculto sob a fazenda do casaco num modesto pudor de origens divinas, como os bem-nascidos arrotam no fim do almoço por benévola concessão social a um mundo de silvas.

— Meu caro, questionou uma voz nas costas dele, que me diz à conspiração dos comunistas?

Os polícias, ocupados a transportarem o ajudante de notário num cuidado de moços de fretes carregando um piano esquisito que tocava sem cessar a sonatina crivada de notas erradas do seu delírio de grandeza, abandonaram vilmente o médico junto ao arquivo onde habitava uma dama míope, de óculos da espessura de pisa-papéis, que lhe aumentavam os olhos até às proporções de hirsutos insectos gigantes cercados de enormes patas de pestanas, à mercê de um colega baixinho à deriva no lago de cheviote do sobretudo, de chapéu tiro-lés cravado na cabeça à maneira de uma rolha num gargalo no intuito

vão de impedir a tempestuosa fuga de bolhinhas gasificadas das suas ideias. O colega trouxe à superfície o gancho de mão e em vez de acenar por socorro dependurou-se-lhe da gravata como um náufrago impaciente abraçado por engano a uma cobra de água azul com pintas brancas que se lhe desfazia no punho numa inércia mole de atacador. O psiquiatra pensou que toda a gente nesse dia o queria separar de um dos últimos presentes que a mulher lhe dera no desejo inútil de melhorar a sua aparência de noivo de província congelado numa postura hirta de fotografia de feira: desde a adolescência que trazia consigo, colado à assimetria das feições, o ar postigo e triste dos mortos de família nos álbuns de retratos, de sorrisos diluídos pelo todo do tempo. Meu amor, falou dentro de si mesmo apalpando a gravata, sei que isto não alivia nem ajuda mas de nós dois fui eu o que não soube lutar: e vieram-lhe à memória longas noites na praia desfeita dos lençóis, a sua língua desenhando devagar contornos de seios iluminados de uma rede de veias pela primeira luz da aurora, o poeta Robert Desnos a agonizar de tifo num campo de prisioneiros alemão murmurando É a minha manhã mais matinal, a voz de John Cage a repetir *Every something is an echo of nothing*, e a forma como o corpo dela se abria em concha para o receber, vibrando tal as folhas dos cumes dos pinheiros agitados por um vento invisível e tranquilo. O colega pequenino, com a pluma do chapéu tirolês a oscilar à laia de agulha de um contador Geiger que encontrasse minério, obrigou-o a encalhar numa esquina de parede, caranguejo doente filado pela teimosia de um camaroeiro tenaz. Os membros pulavam no sobretudo movimentos brownianos sem objectivo definido de moscas na mancha de sol de uma cave, as mangas multiplicavam-se em gestos consternados de orador sacro:

– Os gajos avançam, há, os comunistas?

Na semana anterior o médico vira-o procurar de cócoras microfones do KGB ocultos sob o tampo da secretária, prontos a transmitir para Moscovo as decisivas mensagens dos seus diagnósticos.

– Avançam, garanto-lhe eu, balia o colega a rodopiar de inquietação. E esta *choldra*, a tropa, o zé-povinho, a igreja, ninguém se mexe, borram-se de medo, colaboram, consentem. Por mim (e a minha esposa sabe) o que me entrar em casa leva um tiro de caçadeira pelos cornos. Olarila. Você já leu os cartazes que puseram no corredor com o retrato do Marx, o Catitinha da economia, a despejar as suíças em cima da gente?

E chegando-se mais, confidencial:

– Eu topo que você anda lá por perto se é que não alinha com a cambada, mas pelo menos lava-se, é correcto, o seu pai é professor da Faculdade. Conte-me cá: vê-se a comer à mesa com um cartapeito?

Na minha infância, pensou o psiquiatra, as pessoas escalavam-se em três categorias não miscíveis rigorosamente demarcadas: a das criadas, dos jardineiros e dos choferes, que almoçavam na cozinha e se levantavam à sua passagem, a das costureiras e das senhoras de tomar conta, com direito a mesa à parte e à consideração de um guardanapo de papel, e a da Família, que ocupava a sala de jantar e velava cristãmente pelos seus mujiques («pessoal», chamava-lhes a avó) oferecendo-lhes roupa usada, fardas, e um interesse distraído pela saúde dos filhos. Havia ainda uma quarta espécie, a das «criaturas», que englobava cabeleireiras, manicuras, dactilógrafas e enteadas de sargentos, as quais rondavam os homens da tribo tecendo à sua volta uma pecaminosa teia de soslaios magnetizadores. As «criaturas» não se «casavam»: «registavam-se», não iam à missa, não se afligiam com o ingente problema da conversão da Rússia: consagravam as suas existências demóniacas a prazeres que eu entendia mal em terceiros andares sem elevador de onde os meus tios regressavam à socapa risonhos de juventude recuperada, enquanto as fêmeas do clá, na igreja, se dirigiam para a comunhão de olhos fechados e língua de fora, camaleões prontos a devorarem os mosquitos das hóstias numa gula mística. De vez em quando, a meio da refeição, se o psiquiatra, então garoto, mastigava

de boca aberta ou pousava os cotovelos na toalha, o av3 apontava para ele o indicador definitivo e profetizava cavernosamente:

- H3s-de acabar nas m3os da cozinheira como o peru.
- E o tremendo sil3ncio que se seguia avalizava com o seu selo branco a imin3ncia dessa cat3strofe.
- Responda, ordenou o colega. V3-se a comer 3 mesa com um car-pinteiro?

O m3dico tornou a ele no esfor3o de quem ajusta a imagem de um microsc3pio desfocado: do alto de uma pir3mide de preconceitos quarenta gera3es burguesas contemplavam-no.

- Porque n3o?, disse ele desafiando os cavalheiros de p3ra e as damas de abundante busto boleado ao torno que se tinham trabalhosa-mente cruzado entre si, num crochet complexo, atrapalhados pelos suspens3rios e pelas barbas do corpete, para produzirem, ao cabo de um s3culo de deveres conjugais, um descendente capaz de revoltas t3o impens3veis como a de uma dentadura posti3a que pulasse do copo de 3gua em que sorria 3 noite para morder o pr3prio dono.

O colega recuou dois passos, siderado: /

- Porque n3o? Porque n3o? Homem, voc3 3 um anarquista, um marginal, voc3 pactua com o Leste, voc3 aprova a entrega do Ultramar aos pretos.

Que sabe este tipo de 3frica, interrogou-se o psiquiatra 3 medida que o outro, pad3ira de Aljubarrota do patriotismo 3 Legi3o, se afas-tava em gritinhos indignados prometendo reservar-lhe um candeeiro da avenida, que sabe este caramelo de cinquenta anos da guerra de 3frica onde n3o morreu nem viu morrer, que sabe este cretino dos administradores de posto que enterravam cubos de gelo no 3nus dos negros que lhes desagradavam, que sabe este parvo da ang3stia de ter de escolher entre o ex3lio despaisado e a absurda estupidez dos tiros sem raz3o, que sabe este animal das bombas de napalm, das rapanigas gr3vidas espancadas pela Pide, das m3nas a florirem sob as rodas das camionetas em cogumelos de fogo, da saude, do medo, da raiva, da

solid3o, do desespero? Como sempre que se recordava de Angola um rold3o de lembran3as em desordem subiu-lhe das tripas 3 cabe3a na veem3ncia das l3grimas contidas: o nascimento da filha mais velha sila-bado pelo r3dio para o destacamento onde se achava, primeira ma33-zinha de oiro do seu esperma, longas vig3lias na enfermaria improvisada debru3ado para a agonia dos feridos, sair exausto a porta deixando o furriel acabar de coser os tecidos e encontrar c3 fora uma repentina amplid3o de estrelas desconhecidas, com a sua voz a repetir-lhe den-tro — Este n3o 3 o meu pa3s, este n3o 3 o meu pa3s, este n3o 3 o meu pa3s, a chegada 3s quartas-feiras do avi3o do correio e da comida fresca, a subtil e infinitamente s3bia paci3ncia dos luchazes, o suor do palu-dismo a vestir os rins de cintas de humidade pegajosa, a mulher vinda de Lisboa com o beb3 de surpreendentes 3ris verdes para viajar com ele para o mato, sua boca quase mulata a sorrir comest3vel na almofada. Nomes m3gicos: Cuito-Cuanavale, Zemza do Itombe, Nariquinha, a Baixa do Cassanje coberta pelas altas pestanas dos girass3is em manh3s limpas como ossos de luz, bailundos empurrados a pontap3 para as fazendas do norte, S3o Paulo de Luanda imitando o Arecibo encostado 3 valva da ba3a. Que sabe este palerma de 3frica, interrogou-se o psi-quiatria, para al3m dos c3nicos e imbecis argumentos obstinados da A33o Nacional Popular e dos discursos de semin3rio das botas men-tais do Salazar, virgem sem 3tero mascarada de homem, filho de dois c3negos explicou-me uma ocasi3o uma doente, que sei eu que durante vinte e sete meses morei na ang3stia do arame farpado por conta das multinacionais, vi a minha mulher a quase morrer do falci-parum, assisti ao vagaroso fluir do Dondo, fiz uma filha na Malanje dos diamantes, contornei os morros nus de Dala-Samba povoados no topo pelos tufos de palmeiras dos t3mulos dos reis Jingas, parti e regresssei com a casca de um uniforme imposta no corpo, que sei eu de 3frica? A imagem da mulher 3 espera dele entre as mangueiras de Marimba pe3adas de mor-cegos aguardando o crep3sculo apareceu-lhe numa guinada de sau-dade violentamente f3sica como uma v3scera que explode. Amo-te tanto

que te não sei amar, amo tanto o teu corpo e o que em ti não é o teu corpo que não compreendo porque nos perdemos se a cada passo te encontro, se sempre ao beijar-te beijei mais do que a carne de que és feita, se o nosso casamento definiu de mocidade como outros de velhice, se depois de ti a minha solidão incha do teu cheiro, do entusiasmo dos teus projectos e do redondo das tuas nádegas, se sufoco da ternura de que não consigo falar, aqui neste momento, amor, me despeço e te chamo sabendo que não virás e desejando que venhas do mesmo modo que, como diz Molero, um cego espera os olhos que encomendou pelo correio.

Na urgência os internados de pijama dir-se-ia flutuarem na clareza das janelas como viajantes submarinos entre duas águas, de gestos lentificados pelo peso de toneladas dos remédios. Uma velha em camisa, parecida com os auto-retratos finais de Rembrandt, vogava dez centímetros acima do seu banco idêntica a um pássaro trôpego que fosse perdendo a espuma de vento dos ossos. Bêbedos ensonados que o bagaço transformara em serafins rotos tropeçavam no ar: todas as noites a polícia, os bombeiros ou a indignação da família vinham ali abandonar, como num vazadouro derradeiro, os que tentavam em vão empenhar as engrenagens do mundo escaqueirando o quinine do quarto, descobrindo estranhos bichos invisíveis alapados nas paredes, ameaçando os vizinhos com a faca do pão ou escutando o imperceptível assobio dos marcianos que a pouco e pouco se vestem de colegas de escritório para revelarem às restantes galáxias a chegada iminente do Anti-Cristo. Havia também os que se apresentavam sozinhos, baços de fome, a oferecerem a nádega à seringa a troco de uma cama onde dormir, clientes habituais que o porteiro reenviava, de imperioso braço estendido à estátua de Marechal Saldanha, para as árvores do Campo